

Contribuciones

Trabalhar com Moacir Palmeira: conhecimento e ensino como ação coletiva e prática política

Dibe Ayoub*

Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
dibeayoub@gmail.com

Maio de 2019, noite agitada na Avenida Rio Branco, centro do Rio de Janeiro. Apesar da chuva, a manifestação seguia em frente. Estávamos na rua para gritar contra os cortes previstos no orçamento para a educação. À certa altura, já cansada, aproveitei a proximidade ao metrô e peguei o rumo para casa. Foi então que vi, de longe, o professor Moacir Palmeira e o professor José Sérgio Leite Lopes, que caminhavam com seus respectivos guarda-chuvas abertos em meio a multidão. Depois de chegar em casa, li no celular as mensagens dos meus amigos. Desanimados com a chuva, eles também tinham cogitado ir embora. Mas quando encontraram os professores, resolveram seguir com eles até o final da manifestação. Assim vinha acontecendo há alguns anos. Desde 2015, Moacir estimulava nossa organização, dentro do Museu Nacional, diante dos cortes drásticos impostos aos programas de pós-graduação e à universidade como um todo no Brasil. Animado, participava das assembleias de estudantes, docentes, técnicos, e tentava sempre, de algum modo, incentivar nossa articulação e apontar possíveis caminhos para ela.

Essas cenas representam muito do que tenho aprendido com Moacir Palmeira desde que comecei a trabalhar com ele no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2012. Como o vejo, seu projeto de conhecimento envolve o engajamento político, o estar na rua e junto dos sujeitos com quem

* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora de pós-doutorado na mesma instituição, e bolsista Faperj PDR10.

realizamos nossas pesquisas, a disposição para produzir ciência nesse campo participativo, e uma vontade inesgotável de continuar na luta, mesmo diante de tantas adversidades. Esse engajamento, esse caminhar com trabalhadores rurais e lideranças sindicais, garantiu que, enquanto pesquisador que sempre se reconhece como parte de uma equipe, de um projeto que está além dele, Moacir contribuisse com a produção de uma antropologia refinada e criativa, enraizada na etnografia e no diálogo coletivo.

Avesso ao que chama de “aulas magistrais”, Moacir também me orientou sobre as artes de aprender e de ensinar. No curso de Sociedades Camponesas, ministrado em 2012 em parceria com o professor John Comerford, Moacir apontava o dedo para uma de nós, estudantes, e dizia, sério: “você! Fale o que você achou de tal conceito ou ideia que o autor apresenta no texto”. Depois ele se virava para outro aluno e dizia: “Fulano! O que você achou do que Sicrana acabou de falar sobre tal conceito e como isso se relaciona com o outro texto?” No começo do semestre, a turma ficava bastante nervosa com as aulas, porque sabíamos que seríamos interpelados desse modo. Era como se cada encontro fosse uma prova. Tínhamos que aprender a ler os textos, a preparar nossas discussões, e a ouvir nossos colegas. No entanto, com o passar das semanas, aquilo que era motivo de ansiedade acabou por se tornar um grande estímulo. Começamos a encarar com entusiasmo aquele grande exercício, em que os textos e a sala de aula se tornavam lugares de estudo e debate, dos quais nós nos apropriávamos.

Orientador minucioso, Moacir lê meus textos e aponta detalhes que eu jamais teria percebido, sempre chamando minha atenção para novas questões e relações com outras etnografias. A cada reunião para discutir o andamento da tese, ele me mostrava muitos caminhos e potencialidades, e fazia críticas cuidadosas ao mesmo tempo que me incentivava a continuar o trabalho. As orientações também eram aulas, nas quais ele constantemente se referia aos pesquisadores que trabalharam com ele ao longo dos anos em diferentes projetos. A valorização do diálogo coletivo e o reconhecimento do grupo são também expressão da generosidade e da modéstia de Moacir, que me fez compreender que, apesar de solitário, o processo de escrita de uma tese jamais é individual. Avesso a perspectivas de brilhantismo e genialidade acadêmica, ele nos mostra que as ideias encontram sua concretude nos trabalhos de quem está conosco e de quem veio antes de nós, que debates que a princípio nos soam muito novos e originais podem já ter sido postos antes com outras palavras, e que a criatividade não é um atributo pessoal, mas advém da conexão com nossos pares. E insiste que é no campo, nas pessoas em suas



relações e ações, nas histórias que elas elaboram e que vivemos junto a elas, que devem estar nas bases de nossos conceitos e teorias.

Entre 2016 e 2018, quando eu já estava no pós-doutorado, Moacir me pediu para ajudá-lo a organizar os materiais de sua sala no Museu Nacional, a fim de doar livros e periódicos para a biblioteca do PPGAS. Ali, cada documento, revista, obra, fotografia, tinha uma história. Ao separá-los e olhá-los, Moacir me contava do que se tratavam, como e quando os tinha adquirido, a quem haviam pertencido, e assim por diante. Eu me emocionava ao ouvir sobre sua infância em Alagoas e os livros de seu pai, a tensão nos anos de ditadura militar, a realização do doutorado na França, o trabalho junto à equipe do Projeto Emprego e Mudança Sócio-Econômica no Nordeste nos anos 1970, a consolidação do PPGAS/MN/UFRJ como centro de excelência, a atuação na Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), o tempo em que trabalhou no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em Brasília, a criação do Núcleo de Antropologia da Política (NuAP) e tantas coisas mais que compõem sua trajetória intelectual e constituíam aquela sala. Lá estavam também materiais de campo, correspondências, entrevistas, fichamentos, inúmeros recortes de jornal com matérias sobre camponeses. Nunca parava de chegar coisas novas. A mesa de trabalho vivia cheia de livros, teses e dissertações a serem lidos, catalogados e postos nas estantes que iam do chão ao teto.

Tudo seria consumido pelo incêndio que destruiu o prédio do Museu Nacional na noite de 2 de setembro de 2018, evento que, dois anos depois, continua nos impactando. Sempre que queremos iniciar um projeto, escrever um artigo, ou recorrer a uma obra, lidamos com a realidade da perda, a ausência daqueles trabalhos de tantas vidas. Na manhã seguinte ao incêndio, fomos até a Quinta da Boa Vista ver com nossos próprios olhos o que tinha acontecido e encontrar algum consolo entre amigos e professores. Moacir estava lá, abalado como todos nós, mas firme, sério. “Agora temos que pensar no que pode ser feito” – dizia. Precisávamos buscar condições de seguir em frente, tentar recuperar documentos com outros colegas, capturar maneiras de recomeçar. Logo, o prédio da Biblioteca Central do Museu Nacional, localizado no Horto Botânico da Quinta da Boa Vista, tornou-se o local provisório de nossas salas de aula. E o CPDA/UFRRJ gentilmente nos emprestou uma sala, que se converteu em lugar de trabalho e reuniões do NuAP.

O incêndio não acabou. Em tempos de autoritarismo, negacionismo e terraplanismo, fazer ciência tem sido um ato cotidiano de luta. Seguimos



tentando. Agora, há mais de quatro meses fechados em casa, criando novos modos de viver e produzir conhecimento em um cenário desalentador, de milhares de mortos todos os dias, pessoas queridas adoecendo e partindo, imposição de distanciamento, exacerbação de tiranias, precariedades e injustiças. Recentemente, em uma de nossas conversas pela internet, Moacir me contava sobre o início de sua carreira acadêmica, em plena ditadura militar. Ele disse que a pesquisa lhe abriu um caminho de resistência e o ensinou a fazer política. Porque enquanto seus amigos estavam sendo presos no Rio de Janeiro, em Pernambuco havia centenas de trabalhadores rurais no Fórum, exigindo seus direitos. Foi isso que lhe deu ânimo naqueles dias tão tenebrosos. Mais uma vez, Moacir me dava uma lição preciosa sobre as muitas lutas em curso, os muitos cenários possíveis, e os caminhos que, quem sabe ainda, possamos trilhar.

